



## NEGROS E A CIDADE: SOCIABILIDADES DAS POPULAÇÕES DE ORIGEM AFRICANA E A EMERGÊNCIA DO CENTRO CÍVICO PALMARES.

*Willian Robson Soares Lucindo<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo apresentar os lugares e espaços das populações afrodescendentes na cidade de São Paulo no início do século XX, momento em que a modernização das relações sociais se associava com as tentativas de apagar os traços da sociedade escravista de tempos anteriores, ao ponto de se tentar apagar a presença das populações descendentes de escravizados. Desde o final do século XIX, jornais e sociedades beneficentes buscaram criar uma rede de solidariedade entre ex-escravizados e descendentes e, assim, garantir a ascensão social, ter visibilidade e respeitabilidade. O Centro Cívico Palmares foi um dos maiores expoentes do período, um fruto do acúmulo de experiências do associativismo afrodescendente.

**Palavras-chave:** afrodescendentes; Centro Cívico Palmares; sociabilidades; sociedades beneficentes.

## BLACKS AND THE CITY: SOCIABILITIES OF THE AFRICAN ORIGIN POPULATIONS AND THE EMERGENCE OF THE PALMARES CIVIC CENTER

### **Abstract**

This article aims to present places and spaces of the African descendant people in the São Paulo city in the early twentieth century, a moment where the modernization of the social relations was related with the attempts to erase the traces of slave society of former times, including the presence of descendants of enslaved populations. Since the end of century XIX, newspapers and charitable societies sought to create a network of solidarity between former slaves and descendants, and thereby, ensure social ascension, visibility and respectability. The Palmares Civic Center was one of the greatest exponents of the period, fruit of the accumulated experience of the associationism of the African descendants.

**Keywords:** African descendants, Palmares Civic Center, Sociabilities, charitable societies.

## NOIRS ET LA VILLE: SOCIABILITÉ DES POPULATIONS D'ORIGINE AFRICAINE ET L'ÉMERGENCE DE CENTRO CÍVICO PALMARES

### **Resumé**

Cet article vise présenter les lieux et les espaces de populations d'ascendance africaine dans la ville de São Paulo au début du XXe siècle, lorsque en que la modernisation des relations sociales a été associé à des tentatives d'effacer les traces de la société de l'esclavagiste d'autrefois, au point d'essayer d'effacer la présence des de populations descendants d'esclavagé.

---

<sup>1</sup> Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina, professor da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.



Depuis la fin du XIXe siècle, les journaux et les sociétés de bienfaisance ont cherché créer un réseau de solidarité entre les anciens esclaves et descendants et ainsi assurer la mobilité sociale, avoir visibilité et de respectabilité. Centro Cívico Palmares a été un des plus grands interprètes de la période, un résultat de l'accumulation des expériences d'associations de personne d'ascendance africaine.

**Mots-clés:** Personne d'ascendance africaine; Centro Cívico Palmares, Sociabilité, Sociétés bienfaisance.

## NEGROS Y LA CIUDAD: SOCIABILIDADES DE LAS POBLACIONES DE ORIGEN AFRICANA Y LA EMERGENCIA DEL CENTRO CÍVICO PALMARES

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar lugares y espacios de las poblaciones afrodescendientes en la ciudad de São Paulo en el inicio del siglo XX, momentos en que la modernización de las relaciones sociales se asociaban con las tentativas de borrar los riesgos de la sociedad esclavista de tiempos anteriores, al punto de ententar borrar la presencia de las poblaciones descendientes de esclavizados. Desde el final del siglo XX, periódicos y sociedades benéficas buscaron crear una red de solidaridad entre ex-esclavizados y descendientes y, así, garantizar la ascensión social, tener visibilidad y respetabilidad. El Centro Cívico Palmares fue un de los mayores exponentes del período, un fruto del acúmulo de experiencias del asociativismo afrodescendiente.

**Palabras-clave:** Afrodescendiente; Centro Cívico Palmares; Sociabilidades; Sociedades Benéficas.

A república marca o processo de modernização da sociedade brasileira em que a cidade passa ser administrada, “isto é, gerida de acordo com os critérios unicamente técnicos ou científicos”, fazendo com que médicos higienistas conseguissem assumir um poder quase que infinito, na cidade do Rio de Janeiro tiveram poder compatível com o da polícia. Ainda, estiveram intimamente ligados ao programa de reforma urbana, que culminou com a eliminação dos cortiços, que nada mais era que um termo pejorativo (CHALHOUB, 1996). Esse processo de urbanização, parece, fazer parte do contexto mundial da época, segundo Peter Hall

quase exatamente em 1900, numa reação aos horrores da cidade encortiçada do século XIX, punha-se o relógio da história do planejamento a tiquetaquear (...) muitos dos filósofos fundadores do movimento ainda continuavam obcecados pelos males da superlotação da cidade vitoriana do cortiço. (HALL, 1995, 57)

Para as populações de origem africana os primeiros anos da república, que veio a ser intensificado no início do século XX, representaram a associação às classes



perigosas. Baseado em Mary Carpenter, Chalhoub informa que essa expressão na Inglaterra estava restrita às pessoas “que já havia abertamente escolhido numa estratégia de sobrevivência que os colocava à margem da lei” (1996, 20), mas no Brasil chegou junto com a preocupação em torno das possíveis conseqüências da abolição da escravidão. Assim dentro do projeto de repressão à ociosidade, os parlamentares brasileiros se utilizaram do significado francês da expressão, entendendo que

As classes pobres e viciosas, diz um criminalista notável, sempre foram e não de ser sempre mais abundante causa de todas as sortes de malfeitores: são elas que se designam mais propriamente sob o título de – classes perigosas -; pois quando mesmo o vício não é acompanhado pelo crime, só o fato de aliar-se à pobreza no mesmo indivíduo constitui um justo motivo de terror para a sociedade. O perigo social cresce e torna-se de mais ameaçador, à medida que o pobre deteriora a sua condição pelo vício e, o que é pior, pela ociosidade (CHALHOUB, 1996, 21)

Para entender as classes pobres como classes perigosas foi preciso somente juntar os extremos da cadeia - “os pobres carregam vícios, os vícios produzem malfeitores; os malfeitores são perigosos à sociedade” (IDEM, 22). Ainda, dentro do contexto que se desenvolveu o conceito de “classes perigosas” no Brasil, as populações de origem africana se tornaram suspeitas preferenciais, já que havia uma dificuldade entre a maioria dos deputados em imaginar a organização do trabalho sem o domínio através cativo e por imaginarem ser do caráter dos antigos cativos o vício.

No jornal *A Província de São Paulo* de 12 de janeiro de 1893, o jornalista Mario Arantes dizia que “não são somente os orphans que precisam da tutela do estado para a sua educação moral e profissional”, havia além daqueles “faltam os Paes que precisam dessa tutela”, “os filhos de uma classe inteira”, os filhos dos Ilotas. Essa classe, “que se compõe dos caboclos, dos mamelucos e dos recém libertos”, tem o “negro” “habitado a tutela senhorial, ao parco alimento e ao vestiário quase nullo”, que “de pouco vivia e de quase nada continuou a viver”. Sendo

preciso que a república sobreponha um fecho de ouro no 13 de maio da monarchia dando a verdadeira liberdade a essas duas raças[indígena e negra], a liberdade da consciência, liberdade do espírito que se conquista pela educação e pelo trabalho.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> ARANTES, Mario de. *Colônias Orphanologicas - Os que devem receber educação nas colônias*. O Estado de São Paulo, 12 jan 1893.



Assim, a proposta do jornalista está ligada à política de repressão à ociosidade, cuidando da educação dos menores, demonstrando como as marcas da escravidão se faziam presente nessa sociedade.

Por causa da assombração da escravidão, a presença física e cultural das populações afrodescendentes era vista como a encarnação da barbárie, a continuidade com o século XIX, período em que a rua era um território de cativos e libertos.

No último quartel do século XIX, a cidade de São Paulo era um entreposto comercial com uma restrita vida urbana, as elites se mantinham nas “tradições” rurais morando nas chácaras e sobrados que circundavam a cidade e só freqüentavam a rua em momento de exibição públicas, ou seja, festas religiosas ou políticas. A rua era dominada por uma massa diversificada de pessoas pobres, nacionais ou estrangeiras.

Antes, os cativos faziam os serviços de “infra-estrutura” da cidade, eliminavam as fezes dos sobrados, vendiam alimentos, trabalhavam como curandeiros, barbeiros, tropeiros e quitandeiros. Dominavam as pontes de Santa Efigênia, do Açu, do Miguel Carlos, assim como os chafarizes. No rancho do Arouche, no Tanque do Zunenga criaram lugares de conversação, de escambos de objetos furtados e de jogar capoeira.<sup>3</sup> Como diria Paulino Cardoso em sua dissertação

A impressão que se tem é que a cidade lhes pertencia. Entre movimentos de vai-e-vem, ao procurar satisfazer as múltiplas demandas dos seus senhores, os escravos forma construindo uma teia de relações de solidariedade, que concretizavam uma luta incansável por autonomia (CARDOSO, 1993, 26)

A movimentação de cativos fez surgir os “padrinhos e patronos”, que negociavam de maneira mais próximas com os senhores e autoridades públicas, também houve os “tios”, cativos mais velhos que lideravam e aglutinavam ao seu redor uma família extensa.

Além de tomarem as ruas paulistanas através dos trabalhos destinados aos cativos e libertos, as populações afrodescendente as tomavam nas festas religiosas de suas irmandades. Nessas festas, um bando de pretos saía à rua com seus batuques, danças e cantorias. A Irmandade da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, por ser uma das irmandades mais antigas tinha um destaque nos desfiles de irmandades durante o império, sendo a última irmandade “desfilar” nas festas, mas com a chegada

---

<sup>3</sup> Ver em especial: DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX: Ana Gertrudes de Jesus*. São Paulo: Brasiliense, 1984; ROLNIK, Raquel. *Cada um no seu lugar! São Paulo, início da industrialização: geografia do poder*. São Paulo, 1981 (dissertação de mestrado).



da República obrigou-se que todas as associações registrassem seus estatutos e/ou carta de compromissos. Maria Quintão aponta que essa medida fez com que a Irmandade dos Pretos, que demorou na entrega dos documentos, tornasse, no papel, uma das irmandades mais novas de São Paulo e desfilasse entre as primeiras irmandades, sem o mesmo destaque dos anos anteriores (QUINTÃO, 2002).

Se uma massa de empobrecidos movimentava as ruas paulistanas, as elites também participaram dessa movimentação, principalmente depois que a riqueza do café tornou São Paulo em uma metrópole. A fim de evitar esses pobres e suas doenças, a elite passou a se movimentar em busca de sua “terra prometida” na “Canaã dos Trópicos”. Dessa forma, segundo Raquel Rolnik, primeiro ocupou a região da Santa Efigênia, depois migrou para o Vale do Anhangabaú seguindo em direção ao Campo Redondo, que mais tarde veio a se chamar Campos Elísios e Higienópolis. Mas, a sua presença ficou marcada de forma mais acentuada quando conseguiu alcançar a Avenida Paulista e os Jardins, após atravessarem a chácara do Brigadeiro Luís Antônio (ROLNIK, 1981).

A movimentação das elites pelo centro da cidade fez com que as populações pobres fossem transferidas para áreas periféricas, as zonas pobres como Brás, Belenzinho, Barra funda e Liberdade. A política de zoneamento, aponta Hall, tem como por objetivo básico manter os pobres em seus lugares – fora – e confinar em áreas limitadas os que já estavam dentro. Mas, também estava ligado à especulação imobiliária, ele evitava a desvalorização prematura (ROLNIK, 1981, 72).

O crescimento populacional atingiu números altíssimos com a imigração, chegando aos trezentos mil habitantes e tornando a população branca a maioria absoluta em 1886. A população negra que era maioria na primeira metade, segundo Florestan Fernandes, em 1836 ela seria 53,7% da população, e passou para um número reduzido de 22,78% da população paulistana de 1886. A diminuição na porcentagem não significou diminuição nos números absolutos (FERNANDES, 1964).

A diversidade populacional sob a hegemonia do abolicionismo imigrantista no início do século XX pode ser vista através do Anuário, o qual informa que das 565 escolas do estado 465 eram brasileiras, enquanto que escolas italianas eram 49, alemãs eram 37, dos Estados Unidos eram 6 escolas, 4 eram portuguesas, francesas e suíças eram 2, e 1 era inglesa, como 185 alunos (DERMATINI, 1989). Como aponta Zélia



Dermatini “não se pode afirmar tão-somente que São Paulo era uma cidade em que à população ‘tradicional’ vieram a se agrupar os imigrantes de diversas nacionalidades”, como se a população “tradicional” fosse homogênea. A “vitória” do abolicionismo imigrantista significou um novo tempo de luta entre as populações paulistanas,

as quitadeiras foram expulsas do Centro, por atrapalharem o trânsito. A igreja do Rosário desapropriada e demolida (1903), teve seu largo transformado em Praça Antônio Prado e sua rua, nomeada Imperatriz, renomeada XV de Novembro, em homenagem à República. Destino idêntico ao da Irmandade dos Remédios, um dos símbolos da luta contra a escravidão, removida para dar lugar à Praça João Mendes (CARDOSO, 1993, 29)

Se entender essa cena como uma tentativa de forjar uma memória coletiva que eliminava o passado escravista do imaginário das populações paulistana, pode se relacionar essa prática com as comemorações do 13 de Maio em Campinas. A Federação Paulista dos Homens de Cor assume a responsabilidade de organizar as comemorações dessa data com o apoio de políticos do partido republicano, com o destaque no jornal *Correio de Campinas* desde 1908, mas, aponta José Galdino Pereira, “em 1914, por força dos ajudam, tem de simplificar as comemorações da abolição porque os capitalistas impõem que se comemore juntamente, neste ano e no seguinte, a memória dos republicanos falecidos” (GALDINO, 306). Em 1916, a Abolição foi comemorada junto com o aniversário de morte de Francisco Glicério, “que passa a receber mais destaque que a própria abolição” e no ano seguinte, “a Federação fez uma sessão na sua sede contando apenas com representações de entidades negras” (IDEM, 306-307).

Assim, as reformas urbanas em São Paulo se alinhavam com as práticas de esmagamento da memória, que tentava transformar o passado em algo “velho e acabado que nada mais tinha a dizer sobre o mundo” (CARDOSO, 1993, 30). A rua também deixou de expressar a familiaridade, de ter seu nome vinculado a acontecimentos “menores” das populações que a rodeava, passou a ostentar um pomposo nome que simbolizava a vitória de republicanos. Transformou-se em um brasão.

Para fora das ruas do centro, as populações afrodescendentes passaram a interferir na cidade de São Paulo de outro modo, através de agrupamentos, como cordões de carnaval e clubes de futebol, principalmente nas regiões de concentração de famílias afrodescendentes, os *territórios livres*.



## ZONAS DE NEGROS E AS NOVAS FORMAS DE INTERVENÇÃO

Os territórios livres foram assim chamados por se caracterizarem como territórios com menor intensidade repressiva das práticas culturais de origem africana, e, por isso, maior expressividade dessas práticas culturais. Esses territórios livres ficaram conhecidos como *zonas de negros*, que segundo depoimento de Geraldo Filme

Era Liberdade, Bixiga, Barra Funda e um pedaço muito antigo que pouca gente se lembra, aqui onde hoje está situado a Vila Madalena, Vila Ida, Vila Ipojuca, ali já era bem distante aí já era o pessoal... Mas essa região toda de Liberdade, Barra Funda, Bixiga era o centro mesmo e a Zona Leste, que por ser distante tem uma história negra muito interessante, *tá* me entendendo? Lá onde tem aquela igreja é uma das primeiras igrejas do Brasil, que é a Nossa Senhora do Rosário, fundada pelos negros no Largo da Penha... É fundada em 1600 e pouco, então os negros na zona leste tem suas tradições, mas se hoje em dia não é fácil chegar na zona leste imagina no passado, demorava uma semana pô.<sup>4</sup>

Bixiga (Bela Vista) e Barra Funda são conhecidos como típicos bairros italianos de São Paulo, mas também por suas tradições de samba. A proximidade com o centro também ajudou a visibilidade desses dois bairros.

A Barra Funda um bairro fabril, próximo da linha de trem Santos – Jundiaí, que gerou emprego para uma massa de pessoas com pouca qualificação, como carregadores e ensacadores, no Largo da Banana esses homens ganhavam “tantos cacho de banana. Por cada tantos cachos carregados, eles ganhavam um”, que vendiam em seguida ali mesmo.<sup>5</sup> As mulheres conseguiram emprego como domésticas no bairro próximo mais elitizado o Campos Elísios.

Fazendo uma leitura a partir dos agrupamentos, pode-se ver que as visões de mundo entre as populações afrodescendentes contrastavam muito, se colocando até as formas de exclusão. É o caso da relação entre o cordão Camisa Verde e os “Negros da Glete”. Estes eram moradores do final da Alameda Glete, representando um setor mais miserável da Barra Funda, enquanto que os membros do cordão eram trabalhadores com certa qualificação, como seus dirigentes Dionísio Barbosa (fundador do cordão em 1914) e João Sargento, marceneiro e membro da Forças Armadas respectivamente.

---

<sup>4</sup> FILME, Geraldo. Samba da Barra Funda. In. *Coleção de CDs - A música brasileira por seus autores e intérpretes vol. 2: Geraldo Filme*. São Paulo: SESCSP / Fundação Padre Anchieta, 2000. 1 CD faixa 2.

<sup>5</sup> FILME, Geraldo. Batuque em Pirapora. In. *Coleção de CDs - A música brasileira por seus autores e intérpretes vol. 2: Geraldo Filme*. São Paulo: SESCSP / Fundação Padre Anchieta, 2000. 1 CD faixa 2.



As festas do cordão aconteciam dentro do salão do clube de futebol dos “negros da Glete”, o São Geraldo, mas a presença desses “elementos” era proibida, ou melhor, “eles ficavam espontaneamente do lado de fora, bebendo pelos botecos e garantindo a segurança”.<sup>6</sup> Conhecido como violentos, a presença dos “negros da Glete” no futebol se explica no contexto da época, em que se considerava o futebol como “coisa de macho”, sem técnicas dos passes ou do jogo coletivo, o “jogador escalado era aquele ‘cidadão’ conhecido por sua força e valentia” (CARDOSO, 1993, 33). E os “negros da Glete” eram conhecidos por sua força e valentia.

Ainda, no final da Alameda Glete praticava-se, como em nenhum outro lugar, a “mistura da malandra capoeira com a ‘lasciva’ umbigada”, esta, uma forma ancestral do samba paulista e do jongo carioca, não era bem vista dentro dos cordões e das sociedades recreativas. Estes dois agrupamentos se preocupavam com a visão da sociedade sobre os “homens de cor” e impuseram regras de condutas a fim de eliminar a imagem negativa, combatia o preconceito de cor através assimilação de comportamentos e posturas aceitáveis.

Mesmo com atitudes próxima às sociedades, os cordões de carnaval não foram tão bem vistos quanto elas entre a esfera pública letrada de afrodescendentes. Assim como o clube de futebol São Geraldo, os cordões e seus antecessores os blocos de carnaval não aparecem na “imprensa negra” nas primeiras décadas do século, somente na segunda década, quando se inicia uma segunda etapa desses jornais.

Apesar, das surras, dos “banhos de água sanitária” e cal, os cordões carnavalescos foram importantes para a visibilidade das populações de origem africana, na medida em que desfilavam não só nas zonas negras (no princípio cada cordão desfilava em seu bairro), conseguiram conquistar o centro de São Paulo nas décadas de 1920, e organizar um espaço de desfile para todos os cordões. Para tais conquistas, parece ter sido fundamental as freqüentes visitas à Central de Polícia e ao Pátio do Colégio, como se demonstrasse respeito à ordem pública e ao mesmo tempo afirmassem sua legitimidade.

Além de desfiles de carnaval, um bom cordão diversificava suas atividades, levando seus foliões à piqueniques, passeios a cidades do interior, promoviam chás, bailes e festas. Os passeios ao interior mobilizavam maior público quando era para

---

<sup>6</sup> Depoimento de Dionísio Barbosa à BRITTO, Iêda Marques. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930)*: um exercício de resistência cultural. São Paulo, FFLCH-USP, 1986 p.69

comemorar títulos ou festas religiosas, em que os cordões faziam batucadas para reverenciar os santos, um importante passeio era à cidade do Tietê, onde se homenageava (e ainda se homenageia) São Benedito.

Assim,

a capacidade de aglutinação dos cordões forçou-os [os membros da comunidade de “negros” letrados] a reelaborar suas concepções acerca das manifestações culturais, possibilitando uma valorização do samba no discurso dos letrados e sua transmutação em símbolo de brasilidade (CARDOSO, 113)

O que não é possível afirmar é o que veio primeiro: a legitimação dos cordões perante a comunidade de negros letrados ou perante as parcelas das elites brancas. O que é possível perceber é ressignificação também dos clubes de futebol, que assim como os cordões, terão suas conquistas transformadas em “representativas da potência criativa da ‘raça’” dentro dos jornais negros.

Se antes os “negros da Glete” eram conhecidos como violentos ou como “negros pinga”, seu clube de futebol, o São Geraldo, transformado em Associação Atlética, aparece nas páginas do jornal *O Progresso* como o melhor plantel negro dos campos paulistanos.<sup>7</sup> Ainda, suas vitórias, seus jogos e os resumos deles apareceram com frequência nos dois últimos anos da década de 1920 e na década posterior. Não mais precisavam ficar “espontaneamente” nos bares, “garantido a segurança” dos bailes dos cordões, freqüentava-os e era homenageado, como ocorreu em 1928 no baile do cordão Campos Elysios.

Para Cardoso, “os membros do São Geraldo não mereceriam a atenção da imprensa negra se não correspondessem aos padrões de comportamento público por ela definidos” (1993, 115). Uma mudança ocorreu de fato. A presidência foi assumida por um chefe da polícia, que segundo o sambista Geraldo Filme, assumiu somente para “manejar as coisas”, mas para ele o problema da violência não havia mudado. Dizia o sambista, “então o pessoal ia jogar lá no campo do São Geraldo, e o São Geraldo ganhava na bola, ganhava no pau e o chefe da polícia dizia o presidente do clube sou eu então tá tudo limpo e... (risos)”.<sup>8</sup>

Mesmo que o comportamento violento tenha sido eliminado dos membros do São Geraldo, o time da Avenida Pacaembu manteve a fama de violento. A legitimidade

<sup>7</sup> O Progresso 26 set., 1929.

<sup>8</sup> FILME, Geraldo. Samba da Barra Funda. In. *Coleção de CDs - A música brasileira por seus autores e intérpretes vol. 2*: Geraldo Filme. São Paulo: SESCSP / Fundação Padre Anchieta, 2000. 1 CD faixa 2.



junto a esfera pública letrada de afrodescendentes foi, então, a combinação da entrada de um chefe de polícia e o poder de aglutinação. Desta maneira, além do São Geraldo os “pretos” como um todo eram exaltados como bons jogadores.

Enquanto que na primeira fase da “imprensa negra” (dos primeiros anos do século XX até meados da década de 1920), os jornalistas estavam preocupados em controlar, vigiar e desenvolver nas populações de origem africana um comportamento que se adequasse às expectativas das elites dirigentes, na segunda fase eles passam a valorizar as práticas culturais dos afrodescendentes, se preocupar com a elevação social e moral da classe e denunciar os modos de discriminação. Iniciava-se um espírito de enfrentamento.

Usavam, então, o futebol como exemplo de rendição da sociedade discriminatória ao talento e criatividade das populações afrodescendentes

Na várzea, quando surge em campo qualquer jogador preto a torcida brada logo – AI! Bichão

O ser preto é índice seguro de altas qualidades no manejo da bola de couro. Nos arrabaldes, pelo menos, o futebolista negro é olhado **sempre com respeito e simpatia**<sup>9</sup>.

### AS SOCIEDADES RECREATIVAS E OS JORNAIS NEGROS

Em geral a história das populações afrodescendentes é contada a partir do grupo de letrados dessas populações, pois deixaram suas marcas, postularam um lugar. A diferença hoje para os estudos realizados a partir da segunda metade do século XX, pela Escola Paulista de Sociologia é não supervalorizar as experiências desse grupo como se fosse a verdade sobre a história das populações de origem africana, como se ela fosse homogênea, ainda as organizações deixam de ser vistas somente como meio de integração, para ser também parte do jogo de tensão que envolve as relações sociais.

Um começo para se observar as tensões que envolveram as populações de origem africana é analisar ausência de referência aos cordões de carnaval, ao futebol, às práticas religiosas de matrizes africanas e às festas cristãs, mas que tinham aproximação com práticas profanas, nos jornais negros. Algumas dessas atividades apareceram nas páginas dos jornais a partir de 1919, no jornal *A Liberdade* e quando os cordões e o futebol são vistos de outra forma dentro da cidade, como já foi mostrado.

---

<sup>9</sup> O Progresso fev., 1931. Grifo meu.



Os letrados formavam um grupo minoritário dentro das populações afrodescendentes entre o final do século XIX e começo do XX, mas ocupavam posições de destaque como produtores de jornais, dirigentes das sociedades recreativas, estas geralmente tinham seus próprios jornais. Para ilustrar quem são esses letrados, Cardoso se utiliza de notas de falecimento dos jornais, nessas notas após o nome da pessoa falecida aparece “o tipo e, principalmente, o local de trabalho”, que fazia com que “os qualificava como negros que, por sua capacidade, destacaram-se da massa dos trabalhadores sem função definida. Eram negros em ascensão” (1993, 41). E por estarem em ascensão, almejavam sempre o movimento de subida, comemorando publicamente toda e qualquer ascensão.

No dia 8 do corrente, por ocasião de um ensaio do Centro Smart, foi pelos representantes deste Centro, Grêmio Kosmos e do nosso jornal uma surpreendente manifestação ao sr. Frederico B. de Souza, pela nomeação ao cargo de Amanuense da Faculdade de Direito.<sup>10</sup>

Os letrados tinham uma vontade de interferir na vida das populações afrodescendentes, transferindo para o todo das populações “de cor” seus valores fundamentais, como a moral pelo trabalho, a capacidade intelectual, que garantiriam a elevação social, física e moral. Por isso eram vigias da “classe”

Gastão R. Silva, homem alegre onde a tristeza não tem morada. Apreciador da ordem social, (...) aparentando sempre uma soberania. É de esperar-se que sua pena nunca vacilará para dizer a verdade, seja esta reta e penetrante, contando com sua desenvoltura dando-lhe forças para combater e elogiar aos que se tornarem dignos de sua atenção ou desprezo.<sup>11</sup>

Na Sociedade Recreativa Paulistano “o demônio do Artur, sentado de um lado vê tudo o que se passa, além disto, os seus companheiros de diretoria são espertos na fiscalização”.<sup>12</sup> Dessa maneira, “pode-se concluir pela existência de uma comunidade de homens e mulheres que se reconheciam através de uma luta incessante pela dignidade, pelo respeito por si próprios” e passar essa necessidade de dar sentido às suas vidas (CARDOSO, 1993, 44).

A interferência nos comportamentos tentava fazer com que as populações afrodescendentes atendessem as expectativas das elites dirigentes e da sociedade positivista evolucionista, da qual os letrados tinham grande admiração. Essa busca fica

---

<sup>10</sup> A Liberdade 12 out., 1919

<sup>11</sup> A Liberdade 14 jul., 1919

<sup>12</sup> A Liberdade 26 out., 1919



evidente nas sociedades recreativas, as quais fundaram muitos jornais que retratavam as suas sociabilidades.

Essas sociedades recreativas tentavam se apresentar como espaço das elites dos “homens de cor”, ou seja, pessoas com emprego fixo que necessitava de qualificação e, o que era fundamental, ao menos estavam dentro do “mundo das letras”, quando não sabiam ler, como Frederico Baptista de Souza, funcionário da Faculdade de Direito que teve anunciada publicamente sua mudança de cargo nesta instituição, deixando de ser bedel para amanuense. Por isso, também, se vestiam muito bem, de acordo com a moda de época, causando espanto em que não as freqüentava

Era um dia 25 de janeiro, estava terminando um baile, de uma sociedade de negro, chamada ‘Elite Flor da Liberdade’ eu olhei aquilo e fiquei bobo eu disse – mas como é que pode? Existe isso? ... Lá uns negro tudo bem vestido, umas moças tudo bonita, tudo bem vestido, eu nunca tinha visto (...) eu não sabia que tinha esse grupo, era uma verdadeira entidade (...) Tinha gente do Bixiga, tinha, era gente que morava na Liberdade (...) e aí que descobri que havia umas 10 ou 15 entidades de negro, tudo de baile. Foi quando eu saí lá do meio dos italianos e passei... a conviver no meio deles. (DEMARTINI, 1989, 57)

Ainda, esses lugares tinham como contra-ponto os bailes públicos, onde se dançava maxixe, e as sociedades de “cavação”, termo que nada mais seriam que uma forma pejorativa que queria salientar a falta de objetivos honrosos e dignos delas. Nos dois lugares para entrar se cobrava somente um valor de entrada, enquanto que as sociedades beneficentes recreativas possuíam quadros de associados que garantia a renda.

Seus nomes faziam alusão à cidade de nascimento de seus fundadores, à condição de elite (Elite da Liberdade, Elite Flor de Mocidade), à datas comemorativas vinculados a história das populações afrodescendentes (13 de Maio, 28 de Setembro). Tornavam-se dignas as sociedades que, a partir de 1919, registrassem seus estatutos oficialmente, sendo anunciados nos jornais.

Grêmio recreativo Brinco da princesa

A diretoria deste Grêmio nos comunicou que já tem seus estatutos registrados, de acordo com a lei

Nossos cumprimentos.<sup>13</sup>

A entrada como associado em uma sociedade recreativa não era simples, pois a diretoria tentava garantir o bom nome de sua entidade e colocavam critérios de

---

<sup>13</sup> A Liberdade 14 jul., 1919



admissão. O pretende à sócio no Elite da Liberdade, por exemplo, precisava comprovar que era casado, chefe de família e com sua situação profissional estável, no grupo Kosmos era preciso que um sócio que estivesse quite com a sociedade recreativa o convidasse. E dentro ainda tinha que se comportar de acordo durante as festas. As moças sentando eu suas cadeiras, aceitar os convites de dança prontamente e atos considerados inadequados eram punidos com advertência, suspensão e expulsão, que eram noticiados nos jornais.

Manter o bom nome, através de um código de postura e de seleção, fazia parte das tentativas de deslegitimar as ações de caráter racista, com seus estereótipos cristalizados sobre as populações afrodescendentes. Assim, as sociedades recreativas adquiriram uma dupla função “servir de espaço de sociabilidade negra e, ao mesmo tempo, local de desmontagem das bases que potencializavam a repressão indiscriminada de manifestações da população negra” (CARDOSO, 1993, 54).

A entrada de uma nova geração de letrados, a partir do final da década de 1910, como Gastão R. Silva, José Correia Leite, Frederico Baptista, a ação meramente dançante das sociedades recreativas passou a ser criticada. Fundaram jornais desvinculados das sociedades e desejavam que elas funcionassem também com a finalidade de garantir a elevação social, moral e física “da classe”.

Em um artigo de 09 março de 1919 do jornal *O Alfinete*, dizia que o esquecimento das sociedades beneficentes pelos associados, “que exibem 5 ou 6 recibos de sociedades dançantes”, tinha um resultado. “Qual resultado? Um dia cai doente! Se não encontra uma alma caridosa que o trate, fica em penúria, quase abandonado pelos consócios de dança, luta e morre na miséria”. Pedia, ainda, que as sociedades se preocupassem com a construção de bibliotecas, escolas e que se incutisse entre os associados o “amor pelas coisas úteis”.

Esses novos letrados deram novos objetivos aos jornais, que antes falavam sobre as sociedades, vigiavam e criticavam as posturas de seus membros quando necessário. A função do jornal *O Alfinete* era “estimular os nossos irmãos de cor ao ressurgimento moral, da família e da pátria”<sup>14</sup>, e ainda era “um jornal para tratar da defesa dos homens de cor quando no direito dessa defesa”.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> *O Alfinete*, 12 out., 1918

<sup>15</sup> *Idem* 14 jul., 1919

É neste momento de mudança que José Correia Leite e Jayme Aguiar fundam o mais importante jornal de imprensa negra, *O Clarim* que logo se tornou *O Clarim d'Alvorada*. Os dois amigos inovaram na prática jornalista entre os negros letrados, se distanciaram das sociedades recreativas e, assim, eliminaram a seção de controle dos associados das sociedades, deram grande destaque aos cordões carnavalescos e tentaram reconstituir a memória coletiva dos afrodescendentes a partir da exaltação dos mártires, dos heróis da liberdade, colocando-os como membros importantes da “nova” sociedade brasileira. “Quantas gotas de lágrimas custou, à liberdade aqueles pobres mártires que foram um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem da pátria”.<sup>16</sup>

Deixavam os cativos e ex-cativos os sofredores para se tornarem colaboradores da construção do Brasil, “ressaltar a memória significou traçar uma agenda para o presente e para o futuro (...) ao relembrares os grandes nomes do passado, exortavam para a ação em busca de melhores dias”. (CARDOSO, 1993, 129) Ainda preocupados em saber “o como” escapar das ações preconceituosas, mas indo além do controle comportamental, o qual achava pouco já que reconheciam a existência do preconceito de cor e que esse dificultava a ascensão social das populações afrodescendentes, partiram para a política da ajuda mútua na resolução dos problemas sociais.

### A EMERGÊNCIA DO CENTRO CÍVICO PALMARES

O Centro Cívico Palmares surgiu da “ideia era de ser criada uma biblioteca, mas depois de discussão para lá, para cá ... acabou fundando um centro cívico”, em 12 de outubro de 1926 (DERMATINI, 1989, 59). Simbolizado por um sol no horizonte iluminando livros, nasceu com a intenção de “zelar pelos interesses dos homens preto, facilitando-lhe instrução physica, moral e intellectual, manter um bibliotheca, finalmente incentivar por todos os meios possíveis o gosto pelo aperfeiçoamento do negro”.<sup>17</sup>

As pessoas que faziam parte da organização desse centro participavam também da comunidade de freqüentadores de sociedade recreativas, cordões de carnaval, clube de futebol, as quais gozavam de certa legitimidade por conta de seus cargos de direção nessas associações. O Centro nasceu já preocupado em não ter o mesmo destino de outras instituições, que “apesar das idéias da fundação sempre serem beneficente,

<sup>16</sup> Clarim d'Alvorada 06 abr., 1924

<sup>17</sup> Projeto de estatuto do Centro Cívico Palmares.



literários, cultural, acabava em ... baile”, “e o Palmares foi uma coisa de muita resistência para não cair no baile. E fechou sem cair no baile” (DERMATINI, 1989,59). Assim, inspiravam-se nas entidades das colônias estrangeiras “entidades fortes, que ... era retaguarda deles, a força que eles estavam mostrando”, porque ninguém iria advogar a elevação social através da educação dos pretos senão eles mesmos (IBIDEM).

Pertencer a um universo amplo de práticas sociais não significou, no entanto, fim das tensões entre as visões de mundo dos letrados e o restante das populações afrodescendentes. Para Correia Leite, que conviveu sempre entre os “italianos” e que se espantou ao ver, quando adulto, com a saída do baile na sociedade Elite da Liberdade, “o negro não é muito ligado a essas coisas (de escola, bibliotecas), ele gosta de baile, de batucada” (IBIDEM). Essa é a justificativa dele, e de outros militantes, para o fim “precoce” do Palmares, que “fechou sem cair no baile”.

Assim, as sociabilidades das populações de origem africana na cidade de São Paulo foram marcadas pelo choque entre a esfera pública letrada de afrodescendentes e as massas de afrodescendentes, como os “negros da Glete”. Os primeiros tentando criar um modo de integrar as massas, buscaram controlar os comportamentos, criaram uma memória coletiva que foi valorizada nas pesquisas da Escola Paulista de Sociologia. E, na interação dos “dois blocos” conseguiram reconquistar um espaço público de visibilidades para as populações afrodescendentes dentro da cidade.

## **Bibliografia**

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco – o negro no imaginário das elites, século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BRITTO, Iêda Marques. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo, FFLCH-USP, 1986.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *A Luta Contra a Apatia: Estudo da instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915 – 1931)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (dissertação de mestrado) 1993.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *A Escolarização da População Negra na Cidade de São Paulo nas Primeiras Décadas do Século*. In *Revista Ande*, n14, 1989.



DIAS, Maria Odila L. S. Hermenêutica do Quotidiano Na Historiografia Contemporânea. *Revista Projeto História*, v. 17, 1998.

\_\_\_\_\_ Sociabilidades Sem História. Votantes Pobres No Império, 1824/1881. In: Marcos Cezar de Freitas. (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 1 Ed. São Paulo: Contexto, 1998.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro à sociedade de Classes*. São Paulo: 1964.

HALL, Peter. *Cidades do Amanhã - Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MORAES, Carmem Silva Vidigal. *A socialização da força de trabalho: instrução popular e qualificação profissional no Estado de São Paulo*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PAMPLONA, M. A. V. *Revoltas, repúblicas e cidadania*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Irmandades Negras: Outro espaço de luta e resistência (São Paulo:1870-1890)*. 1. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2002.

ROLNIK, Raquel. *Cada um no seu lugar! São Paulo, início da industrialização: geografia do poder*. São Paulo, 1981 (dissertação de mestrado).

SCHELBAUER, Anaete Regina. *Idéias que não se Realizam: o debate sobre a educação do povo no Brasil de 1870 a 1914*. Maringá: EDUEM, 1998.

*Recebido em julho de 2013  
Aprovado em setembro de 2013*